

## Psicanálise e literatura – à guisa de introdução

Elaine Foguel

setembro de 2014 - Correio APOA

Nós, leigos, sempre sentimos uma intensa curiosidade (...) em saber de que fontes esse estranho ser, o escritor criativo, retira seu material e como consegue nos impressionar com o mesmo, e nos despertar emoções as quais talvez nem nos julgássemos capazes. Nosso interesse intensifica-se ainda mais pelo fato de que, ao ser interrogado, o escritor não nos oferece uma explicação, ou pelo menos nenhuma satisfatória. (Freud, 1908)

Ao se abordar *psicanálise e literatura*, nesta ordem, é o campo da psicanálise que se quer circunscrever, é um pedido de ajuda às belas letras para referenciar a experiência freudiana, um recurso que o analista tem, entre outros, de transmitir a psicanálise. Assim sendo, a ordem dos fatores altera o produto: se fosse literatura e psicanálise seria o campo da literatura que estaria em evidência, a teoria e/ou a crítica literária que buscariam uma argumentação no texto psicanalítico; então esta conjunção exige cautela. Aqui, como diz acima, psicanálise e literatura: o recorte primordial é o inconsciente e seus efeitos.

Segundo Assoun, muito além de ser um exemplo ilustrativo, a referência literária revela “um momento de verdade do inconsciente (...)” (1996, p.101). Freud toma a ficção ao pé da letra: a inquietante estranheza pode ser produzida, mas apenas por alguns poucos, os escritores criativos, esta minoria de contemplados com o dom da poesia, em verso e prosa. Como fazem? Como podem provocar *efeitos de afetos* sobre o leitor? Como conseguem testemunhar o saber inconsciente? Como transmudam as fantasias inconscientes em texto poético? De que forma fazem com que pensamentos inconscientes nutram a obra e engendrem uma criação da ficção artística? Inútil perguntar, os escritores não sabem nem responder, nem transmitir este saber.

O excerto acima, retirado do artigo *Escritores criativos e devaneio* (Freud, 1908 [1907]) se torna mais radical em 1919, “(...) na medida em que ele questiona a vocação de *escrita* do recalque na sua dimensão inconsciente (Assoun, 1996, p.101)”. Habita, na literatura, uma *função de escrita do recalco* que se constitui numa das *apostas fundamentais da ficção*. É por esta razão que Freud toma tantos exemplos literários, por haver um parentesco entre a literatura e o inconsciente: a literatura *mostra, às vezes antecipa*, o que é tão difícil *demonstrar* cientificamente; ela consegue materializar e eternizar aquilo que é fugaz na experiência do inconsciente. Para Freud, a aliança da psicanálise com a literatura passa pela estrutura do saber inconsciente:

E os escritores criativos são aliados muito valiosos, cujo testemunho deve ser levado em alta conta, pois costumam conhecer toda uma vasta gama de coisas, entre o céu e a terra, com as quais a nossa filosofia ainda não nos deixou sonhar. Estão bem adiante de nós, gente comum, no conhecimento da mente, já que se nutrem em fontes que ainda não tornamos acessíveis à ciência (Freud, [1907]1976, p.18,).

A aproximação da psicanálise com a obra de ficção tornou-se um campo de estudo nem sempre seguro de atravessar: “como não seria a literatura empestada?” (Assoun, 1996, p.3). Entre denúncia e posição epistêmica, Assoun estaria talvez se referindo às aproximações interpretativas imaginárias do texto literário. Em nome da interpretação psicanalítica, se incorre basicamente em *dois equívocos* que devem ser evitados: o primeiro, pensar que o texto literário é uma *psicobiografia* do autor para tentar encontrar, na sua história de vida publicada, material que autorizasse uma relação do seu texto literário com o seu “inconsciente”, como se o inconsciente freudiano fosse apreensível através deste expediente, ou como se o texto literário fosse redutível a uma espécie de reciclagem dos traumas. Lacan reforça, em *Lituraterre* (2003, p.17) que a psicanálise tem muito a receber da literatura, “(...) se fizer do recalque, em seu âmbito, uma ideia menos psicobiográfica”. O segundo equívoco é crer que do texto literário o analista poderia supor um inconsciente e tentar emergi-lo! O inconsciente do escritor, que lá estaria em estado pré-interpretativo, só aguardando que a psicanálise o compreenda!

A conjunção dos dois campos, psicanálise e literatura, deve, então, se voltar para uma aproximação outra: com a obra literária se pode fazer uma abordagem *alusiva à estrutura*. O exemplo *princeps* é o *Édipo Rei*, de Sófocles, que interessou a Freud para sublinhar a estrutura central da psicanálise, o complexo de castração, o horror que a *hybris* desencadeia, a tragédia que é acarretada pelo ultrapassamento das interdições, acima de todas, o incesto.

Este encontro da psicanálise com a literatura enseja que, além do caso clínico no qual “o exemplo é a própria coisa” (tal como Freud justifica a importância crucial da escrita do caso clínico na transmissão da psicanálise no seu diário da análise do *Homem dos ratos*), que o analista possa também se reportar aos clássicos da tragédia grega, a livros de contos, a romances do porte de *Os irmãos Karamazov* para deles extrair uma *interpretação alusiva à própria coisa* - ao real – através das metáforas e imagens peculiares à obra literária a qual contém um saber tanto sobre o *universal* quanto sobre o *singular* da estrutura de linguagem.

Segundo Gómez Mango, (2003, p.18), Freud introduziu o *Dichter* no âmbito da rigorosa pesquisa psicanalítica: "Fez do poeta um dos interlocutores primordiais da sua obra. Reconhecia na *Dichtung* um acesso privilegiado à verdade psíquica"

Naturalmente caso clínico e referência literária não se sobrepõem: no caso clínico o singular exige uma articulação do conceito com a clínica. Por sua vez o excerto literário, um recorte no universal da literatura, alude a um conceito que se quer, desde o início, demonstrar. É o que Freud exercita no *Homem de areia*, no artigo *O estranho*, onde privilegia o temor do roubo dos olhos, que remete ao temor da castração do pênis que remete, por sua vez, à ameaça de castração no cerne do Complexo de Édipo.

É também importante mencionar que há hiato entre os dois campos: tanto a psicanálise não abarca o campo vasto da significação da obra, como foi dito acima, quanto aquela literatura que brota sob influência do advento e dos efeitos da psicanálise na cultura não equivale a um relato articulado de um caso clínico teorizado pelo analista; um exemplo conhecido, *O complexo de Portnoy* (1969) do autor norte-americano Phillip Roth - cujo conteúdo é o relato de uma psicanálise na sua complexidade na voz do analisando -, não pode ser tomada como um relato de caso clínico. Alguns podem até defender que a ousada narrativa de Roth é ainda melhor do que muitos relatos clínicos naquilo que ela quer mostrar e demonstrar, mas ainda assim, não é a narrativa de um caso clínico construído por um analista. O que não impede de ser usada como referência na articulação do que se queira estudar, uma amostra indubitavelmente marcante dos efeitos do nome próprio *Complexo de Édipo*, do dispositivo freudiano do tratamento, da livre associação na cultura ocidental, por exemplo.

Na breve correspondência de Freud com seu contemporâneo, médico, judeu, e escritor vienense Arthur Schnitzler, lê-se numa carta de 1922, uma extraordinária confissão de Freud, que muito esclarece sua ligação com a literatura, além de iluminar sua especial admiração pelo escritor:

Sempre me atormentei com a pergunta sobre a razão por que, em todos estes anos, nunca procurei conhecê-lo nem conversar com o senhor. (...) A resposta contém a confissão que me parece íntima demais. Acho que evitei o senhor por causa de uma espécie de relutância em conhecer o meu sócia. Não que eu me incline facilmente a identificar-me com outrem, ou que pretenda fazer pouco da diferença de talento que me separa do senhor, mas todas as vezes que me absorvo profundamente nas suas belas citações, pareço sempre encontrar sob uma superfície poética, os mesmo pressupostos, interesses e conclusões que alimento. ([www.freudiana.com.br/blog](http://www.freudiana.com.br/blog) 10 de maio de 2012 – consultado em 21 de abril de 2014)

Ao tempo em que se fez da literatura uma amostra da experiência, Freud desejou saber como o autor chega a transformar seu saber inconsciente em narrativa artística e mais espantosamente, como conseguem estas narrativas literárias antecipar saberes que a ciência ignora, ou sabe que existe, mas ainda não formalizou.

Na novela *A Gradiva*, publicada em 1902, Jensen cria um personagem, Norbert Hanold, que sonha e acorda convencido da realidade do seu sonho, ele passa a delirar e, a partir da sua crença na realidade onírica, a agir incoerentemente. Segundo Ey, a crença na realidade do sonho é fenômeno comum no despertar, porém é rapidamente retificada, mesmo quando deixa uma impressão perturbadora; esta retificação só ocorreu no caso deste personagem nas últimas páginas da novela, após uma espécie de tratamento.

Em certos casos, no entanto, a crença no delírio pode persistir vários dias após a resolução da confusão: *é a ideia fixa pós-onírica.* (...) Delmas (1911) e seu discípulo Allamagny (1914), que estudaram particularmente os estados pós oníricos, descreveram, ao lado das formas transitórias, ideias pós oníricas permanentes (Ey, 1985, p.825-6).

As que se tornam permanentes são denominadas de *psicoses pós oníricas*, o que não parece ser o caso do personagem de Jensen, uma vez que uma cura pelo amor o tira aos poucos do estado delirante que o fez tomar um trem da Alemanha para a Itália, para buscar em Pompéia uma mulher que lá teria vivido e sucumbido ao vulcão 2000 anos antes.

Esta cura é reconstruída por Freud, no artigo de 1919, a partir dos dados fornecidos pela novela. É o tratamento de uma *neurose de transferência*, com base no pressuposto de que Norbert produziu um recalque e um deslocamento da sexualidade e se fixou em mulheres de mármore, objeto de seus estudos.

Que haja delírio e atuação na neurose não é novo na obra de Freud, o *Homem dos ratos* também toma um trem movido por um delírio criado pela sua neurose obsessiva. No entanto, não cessa de surpreender o analista quando ele escuta uma criação delirante vinda de um neurótico, uma ideia que pertence ao conjunto particular das certezas absurdas do analisante, mas que não fazem dele um psicótico. Freud considerava a religião como um delírio coletivo, por exemplo. Desta mesma ordem é o delírio do neurótico, uma crença. No entanto as crenças coletivas tem um estatuto diferente daquelas individuais; estas últimas são sintomas, como era o caso do personagem, no qual o recalque do erotismo o fez delirar.

Que um sonho possa desencadear loucuras mais ou menos duradouras é, provavelmente, tão antigo quanto a existência do primeiro sonho da primeira criatura. Porém, que um escritor criativo possa se antecipar à medicina, à psicologia, à psiquiatria, e acima de tudo à psicanálise, para descrever o detalhe desta formação do inconsciente, constitui para Freud uma evidência que o ligou à literatura como uma fonte fiel sobre o humano, e uma espécie de prova de que há, no inconsciente, um saber que se antecipa à construção formal da ciência, inclusive da psicanálise.

### **Referências bibliográficas**

ASSOUN, Paul-Laurent. *Littérature et psychanalyse*. Paris: Ellipses, 1996.

EY, Henri. *Manual de psiquiatria*. São Paulo: Editora Masson do Brasil, 1985.

FREUD, Sigmund [1907]. *Delírio e sonho na Gradiva*. In:\_\_\_\_\_ *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Tradução e direção de Jayme Salomão. 23 ed. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

FREUD, Sigmund [1919]. *O estranho*. In:\_\_\_\_\_ *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Tradução e direção de Jayme Salomão. 23 ed. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

FREUD, Sigmund [1908]. *Escritores criativos e devaneio*. In:\_\_\_\_\_ *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Tradução e direção de Jayme Salomão. 23 ed. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

JENSEN, Wilhelm. *Gradiva, uma fantasia pompeiana*. Tradução Angela Melim. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1987. (Fonte: aplicativo Scribd)

LACAN, Jacques. *Lituraterre*. In: *Outros escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

MANGO, Eduardo Gómez & PONTALIS, J-B. *Freud com os escritores*. Tradução de André Telles. São Paulo: Editora Três Estrelas, 2013.

SÓFOCLES c.496 aC - 406 aC. *Rei Édipo*. Tradução J.B. de Mello e Souza. Clássicos Jackson, vol. XXII. Versão para EBook de EBooks Brasil. (Fonte: aplicativo Scribd).

**Autor:** Elaine Foguel